

THE ABYSS / 1989

(*O Abismo*)

um filme de James Cameron

Realização e Argumento: James Cameron / **Direcção de Fotografia:** Mikael Salomon e Dennis Skotak / **Fotografia Submarina:** Al Giddings / **Design de Produção:** Leslie Dilley / **Direcção Artística:** Peter Childs, Russell Christian e Joseph Nemec III / **Coordenação de Efeitos Especiais:** Joe Unsinn e Joseph Viskocil / **Guarda-Roupa:** Deborah Everton / **Música:** Alan Silvestri / **Som:** Blake Leyh / **Montagem:** Joel Goodman / **Interpretação:** Ed Harris (Bud Brigman), Mary Elizabeth Mastrantonio (Lindsey Brigman), Michael Biehn (Tenente Coffey), Leo Burmester (Catfish De Vries), Todd Graff (Alan "Hippy" Carnes), John Bedford Lloyd (Jammer Willis), J.C. Quinn (Sonny Dawson), Kimberly Scott (Lisa "One Night" Standing), George Robert Klek (Wilhite), Christopher Murphy (Schoenick), Richard Warlock (Dwight Perry), Ken Jenkins (Gerard Kirkhill), Michael Beach (Barnes), etc.

Produção: 20th Century Fox / **Produtora:** Gale Anne Hurd / **Produtora Associada:** Christa Vausbinder / **Gerente de Produção:** Charles Skouras III / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa, em 35mm, colorida, versão original legendada em português, 142 minutos / **Estreia em Portugal:** Amoreiras, Condes, Las Vegas e Plaza (Lisboa), a 1 de Dezembro de 1989.

Depois do gigantesco sucesso de **Titanic**, que bateu recordes de bilheteira um pouco por todo o mundo, e da consagração absoluta pela Academia de Hollywood, toma-se um pouco mais difícil falar de James Cameron. Durante praticamente toda a sua carreira, James Cameron foi construindo uma imagem de cineasta plenamente ancorado na indústria, tirando o máximo partido daquilo que ela lhe podia dar (budgets elevadíssimos, sofisticação tecnológica ao desbarato, etc) e devolvendo-lhe aquilo que ela lhe pedia (resultados comerciais compensadores, novos elementos a acrescentar a uma "iconografia de Hollywood", etc). Mas em todos os seus filmes, dos **Terminators** aos **Aliens**, debaixo dessa carapaça de sofisticação industrial existia sempre um trabalho de concentração e administração de energias, tanto narrativas como formais, muito mais devedor de um espírito de "série B" do que propriamente típico do "blockbuster" corriqueiro. Numa época em que os realizadores encarregados das megaproduções de Hollywood são cada vez mais meros gestores de valores de produção (e totalmente dependentes deles), nos filmes de Cameron havia sempre alguma coisa que se desprendia disso e que os tomava (aos aparatosos meios de produção) no menos importante. Ou melhor, que os punha ao serviço de outra coisa, em vez ser o resto a subjugar-se a eles – como de resto **Titanic** ilustra muito bem, Cameron movia-se habilmente dentro de objectos de "série B" insuflados, mantinha uma notável coerência de filme para filme, sabia ter um olhar sobre aquilo que filmava (recorde-se que foi, com John McTiernan, um dos grandes responsáveis pela modulação da imagem de Schwarzenegger) **Titanic** em nada o contradiz – Cameron fez exactamente o que costumava fazer, limitando-se a trocar um ambiente futurista pelos últimos resquícios do século XIX. O que vamos ver num futuro próximo é como é que Cameron vai aguentar esta súbita projecção de discreto cineasta de segunda linha (sem nada de redutor na expressão) para a condição de "realizador-estrela".¹

¹ O texto foi escrito em 2003. Em 2022, depois de **Avatar**, depois da pura "exploitation" que foi a versão 3D de **Titanic**, podemos responder à interrogação: aguentou mal.

The Abyss é um belíssimo filme, excelente exemplo da estratégia de Cameron e de algum modo precursor de **Titanic** – também aqui Cameron gasta muito dinheiro a fingir que está a fazer um filme sobre uma coisa quando na verdade está a arranjar espaço para outra. Tudo começa como qualquer “épico high-tech”: meios de produção de um gigantismo sofisticado, situação narrativa aparentemente baseada em grandes esforços “metalo-mecânicos”. Aqui, é uma base submarina norte-americana que por uma série de acontecimentos se vê repentinamente isolada da superfície, tendo a bordo um grupo de técnicos, investigadores, militares e uma ogiva nuclear, sem esquecer a sugestão da presença nas redondezas de uns estranhos alienígenas. Todas as sequências de acção são filmadas impecavelmente, com a habitual mestria de Cameron quando se trata de lidar com espaços rigorosamente delimitados – e a sequência em que, câmara a câmara, a base se vai inundado é de uma eficácia particularmente impressionante. Mas este (o “filme de acção”) é apenas um dos filmes de **The Abyss**, aquele em que Cameron finge estar interessado mas que na verdade é apenas uma porta para chegar a outro lado.

E esse outro lado, ou outro filme, é, tal como em **Titanic**, algo muito aproximado do melodrama. Se uma das coisas mais espantosas de **Titanic** era o facto de não haver “milagre” (DiCaprio congelava-se e ia mesmo ao fundo) em **The Abyss** é o contrário. Há milagre, logo dos mais “difíceis” (morrer e voltar a viver), e acontece por duas vezes – há na história do cinema vários filmes com uma ressuscitação; muito poucos terão a coragem para mostrar duas ressuscitações, e a “inverosimilhança” do milagre final terá estado na base do relativo insucesso, crítico e comercial, de **The Abyss**.

Este outro filme tem apenas duas personagens: as de Ed Harris e de Mary Elizabeth Mastrantonio, ex-cônjuges reencontrados por acaso ao fim de alguns anos, isolados no fundo do mar. A relação entre eles é sugerida, nas primeiras cenas em que ambos aparecem, naqueles diálogos “elípticos” de que o cinema clássico americano tinha o segredo – dando de barato todas as diferenças, são diálogos que fazem lembrar os de Cary Grant e Rita Hayworth em **Only Angels Have Wings** ou os de Sterling Hayden e Joan Crawford em **Johnny Guitar**. **The Abyss** transforma-se assim, em “eclipse”, num melodrama de reencontro e redenção, vertente que irá ganhar corpo até conquistar o filme e definir o “anti-climático” (para os standards do filme de acção) final.

Antes disso, dá-se a primeira ressuscitação, numa sequência impressionante que pode servir para simbolizar o próprio cinema de Cameron – uma enorme violência ao serviço de uma enorme ternura. É o momento em que Harris e Mastrantonio se vêm presos numa câmara inundada, e só um deles tem equipamento de mergulho. Sendo assim, para se salvarem ambos, um tem de morrer e acreditar que pode ser reanimado. Numa cena belíssima, Mastrantonio afoga-se voluntariamente à nossa frente, e vemos o seu corpo ser transportado por Harris. Depois, já fora de água, a reanimação não corre bem e Mastrantonio é dada como morta, até que, num último impulso ditado pelo desespero, Harris começa a bater-lhe freneticamente no corpo gritando “sua cabra! nunca desististe de nada, vais agora desistir!”. É esta explosão de violência, onde o amor e o ressentimento se fundem, que possibilita o milagre: Mastrantonio abre os olhos e volta a respirar.

E depois, a sequência final, com a alucinante descida de Ed Harris às profundezas, numa missão de sacrifício para salvar os companheiros, recompensada pela visita a uma possível versão do Paraíso e pelo regresso à superfície. Se Olivier Assayas falou, a propósito de **Titanic**, de uma “imagerie” e de uma dinâmica reminiscente do cinema mudo, que dizer desta sequência de vários minutos, onde praticamente não há som, sobre a queda voluntária de um corpo às profundezas do oceano? Que dizer daquele “anjo” que o vem salvar, daquele Céu encontrado no fundo do mar? Que **The Abyss** é afinal uma fábula metafísica, capaz de suspender o realismo de uma maneira como há muito não se via no cinema americano.

Luís Miguel Oliveira